

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

A VIAJANTE DO TEMPO

LIVRO UM

DIANA GABALDON





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*À memória de minha mãe,  
que me ensinou a ler —  
Jacqueline Sykes Gabaldon*

Pessoas desaparecem o tempo todo. Pergunte a qualquer policial. Melhor ainda, pergunte a um jornalista. Os desaparecimentos fazem parte do dia a dia deles.

Adolescentes fogem de casa. Crianças desgarram-se dos pais e nunca mais são vistas. Donas de casa chegam ao limite da paciência, pegam o dinheiro das compras e um táxi para a estação de trem. Banqueiros internacionais mudam de nome e desaparecem na fumaça de seus charutos importados.

Muitos dos desaparecidos serão encontrados, por fim, vivos ou mortos. Afinal, os desaparecimentos têm explicação.

Quase sempre.

PARTE I

*Inverness, 1945*



## RECOMEÇO

Não era um lugar muito provável para desaparecimentos, ao menos à primeira vista. A pousada da sra. Baird era igual a milhares de outros estabelecimentos que ofereciam hospedagem e café da manhã nas Terras Altas, a região montanhosa da Escócia, em 1945 – limpa e tranquila, com papel de parede floral desbotado, assoalhos reluzentes e um aquecedor de água operado com moedas no banheiro. A sra. Baird era atarracada e afável, e não fazia nenhuma objeção ao fato de Frank cobrir sua minúscula sala de visitas decorada com raminhos de rosas com as dezenas de livros e papéis com que ele sempre viajava.

Encontrei a sra. Baird no vestíbulo quando eu estava saindo. Ela me parou, pôs a mão rechonchuda em meu braço e deu leves toques nos meus cabelos.

— Nossa, sra. Randall. Não pode sair desse jeito! Vamos, deixe-me ajeitar aqui um pouco para você. Pronto! Assim está melhor. Sabe, minha prima estava me falando de um novo permanente que ela fez, fica lindo e dura que é uma beleza. Talvez devesse experimentar esse tipo da próxima vez.

Não tive coragem de lhe dizer que a rebeldia dos meus cachos castanho-claros era obra exclusiva da natureza e não devida a qualquer negligência por parte dos fabricantes de permanente. Suas próprias ondas firmemente marcadas não sofriam de tal perversidade.

— Sim, farei isso, sra. Baird — menti. — Só estou indo à vila me encontrar com Frank. Voltaremos para o chá.

Saí apressadamente pela porta antes que ela pudesse detectar quaisquer outros defeitos em minha aparência indisciplinada. Após quatro anos como enfermeira do exército britânico, eu estava livre de uniformes e restrições, cedendo ao desejo de usar vestidos leves de algodão, vivamente estampados, totalmente inadequados para as acidentadas caminhadas através das urzes.

Não que eu tivesse originalmente planejado fazer muitas dessas caminhadas; meus pensamentos estavam mais voltados para dormir até tarde todas as manhãs e passar longas tardes preguiçosas na cama com Frank – e não para dormir. Entretanto, era difícil manter o adequado estado de es-

pírito lânguido e romântico com a sra. Baird cuidadosamente passando o aspirador de pó do lado de fora do nosso quarto.

— Esse deve ser o pedaço de carpete mais sujo de toda a Escócia — observara Frank naquela manhã enquanto estávamos na cama ouvindo o ronco feroz do aspirador de pó no corredor.

— Quase tão sujo quanto a mente da proprietária — concordei. — Talvez devêssemos ter ido para Brighton, no fim das contas.

Escolhemos as Terras Altas como roteiro de férias antes de Frank assumir o cargo de professor de história em Oxford, considerando que a Escócia de certa forma fora menos atingida pelos horrores físicos da guerra do que o resto da Grã-Bretanha e estava menos suscetível à frenética alegria pós-guerra que contagiava pontos turísticos mais populares.

Mesmo sem discutir o assunto, acho que nós dois sentimos que era um local simbólico para restabelecermos nosso casamento. Nós nos casamos e passamos uma lua de mel de dois dias nas Terras Altas, pouco antes da deflagração da guerra sete anos atrás. Um refúgio tranquilo onde pudéssemos redescobrir um ao outro, pensamos, sem perceber que, enquanto o golfe e a pesca são os esportes ao ar livre mais praticados da Escócia, a fofoca é o esporte de salão mais popular. E do jeito que chove na Escócia, as pessoas passam muito mais tempo dentro de casa.

— Aonde você vai? — perguntei, quando Frank atirou os pés para fora da cama.

— Detestaria ver a pobre velhinha decepcionada conosco — respondeu.

Sentando-se na beirada da cama antiga, começou a balançar-se devagar para cima e para baixo, criando um rangido rítmico e penetrante. O ronco do aspirador de pó no corredor parou bruscamente. Após um ou dois minutos balançando-se, ele deu um gemido alto e teatral e deixou-se cair para trás com uma vibração de protesto das molas. Não pude conter uma risadinha, abafada no travesseiro para não perturbar o silêncio sepulcral do lado de fora.

Frank ergueu as sobrancelhas para mim.

— Você deveria gemer em êxtase, não dar risadinhas — repreendeu-me num sussurro. — Ela vai achar que eu não sou um bom amante.

— Você vai ter que continuar por mais tempo do que isso se espera gemidos empolgados — respondi. — Dois minutos não merecem mais do que uma risadinha.

— Que mulherzinha sem consideração. Eu vim aqui descansar, lembra?

— Preguiçoso. Nunca vai conseguir colocar o próximo ramo familiar em sua árvore genealógica se não mostrar um pouco mais de empenho.

A paixão de Frank por genealogia era outra razão para termos escolhido as Terras Altas. Segundo um dos encardidos pedaços de papel que ele carregava de um lado para o outro, um antepassado seu tivera alguma coisa a ver com os acontecimentos naquela região em meados do século XVIII. Ou seria século XVII?

— Se eu acabar como um toco sem descendentes na minha árvore genealógica, sem dúvida será por culpa de nossa incansável anfitriã lá fora. Afinal, estamos casados há quase oito anos. O pequeno Frank Jr. será perfeitamente legítimo sem precisar ser concebido na presença de uma testemunha.

— Se vier a ser concebido — falei, pessimista. Ficáramos decepcionados mais uma vez na semana anterior à partida para nosso retiro nas Terras Altas.

— Com todo este ar puro revigorante e esta comida saudável? Como poderíamos falhar?

O jantar na noite anterior fora arenque frito. O almoço fora arenque em conserva. E o cheiro penetrante que agora bafejava pelo vão da escada sugeria, com elevado grau de certeza, que o café da manhã deveria ser arenque defumado.

— A menos que você esteja pensando em mais uma edificante performance para a sra. Baird — sugeri —, é melhor se vestir. Não vai se encontrar com aquele pastor às dez? — O reverendo Reginald Wakefield, o vigário da paróquia local, deveria fornecer algumas fascinantes certidões de batismo para inspeção de Frank, sem mencionar a esfuziante perspectiva de que pudesse ter desenterrado alguns bolorentos despachos do exército ou algo parecido que mencionassem o tal antepassado famoso.

— Como é mesmo o nome daquele avô do seu tataravô? — perguntei. — Aquele que andou fazendo besteira por aqui durante uma das rebeliões. Não consigo me lembrar se era Willy ou Walter.

— Na verdade, era Jonathan.

Frank aceitava placidamente meu total desinteresse por sua história familiar, mas permanecia sempre alerta, pronto para se aproveitar da menor expressão de curiosidade como desculpa para me contar todos os fatos conhecidos até a presente data sobre os antigos Randall e suas conexões. Seus olhos assumiram o brilho febril de professor fanático enquanto abotoava a camisa.



— Jonathan Wolverton Randall. Wolverton pelo tio de sua mãe, um cavaleiro insignificante de Sussex. Era, entretanto, conhecido pelo apelido um tanto arrojado de “Black Jack”, que adquirira no exército, provavelmente durante a época em que serviu aqui.

Deixei-me cair na cama com o rosto enfiado no travesseiro fingindo roncar. Ignorando-me, Frank continuou com sua exegese erudita.

— Ele recebeu sua patente oficial em meados dos anos 30, isto é, em meados de 1730, e serviu como capitão dos dragões. Segundo aquelas cartas antigas que a prima May me enviou, ele se saiu muito bem no exército. Uma boa escolha para um segundo filho, como você sabe. Seu irmão mais novo também seguiu a tradição tornando-se um vigário, mas ainda não encontrei muita coisa sobre ele. De qualquer modo, Jack Randall foi altamente elogiado pelo duque de Sandringham por suas atividades antes e durante a Conspiração Jacobita de 1745, a segunda, como você sabe — detalhou ele, em proveito dos ignorantes em sua plateia. Ou seja, eu. — Com o príncipe Charles Edward e toda aquela gente.

— Não estou totalmente certa de que os escoceses achem que perderam essa — interrompi, sentando-me e tentando domesticar meus cabelos. — Ouvi perfeitamente o barman daquele pub ontem à noite se referir a nós como Sassenachs.

— Bem, por que não? — disse Frank tranquilamente. — Afinal, significa apenas “ingleses” ou, na pior das hipóteses, “forasteiros”, e é o que nós somos.

— Sei o que significa. Foi o tom que ele usou que me incomodou.

Frank procurou um cinto na gaveta da cômoda.

— Ele só estava zangado porque eu disse que a cerveja estava aguada. Eu disse a ele que a verdadeira cerveja das Terras Altas exige que uma botina velha seja acrescentada ao tonel e que o produto final seja coado por uma cueca usada.

— Ah, isso explica o total da conta.

— Bem, eu disse isso com um pouco mais de tato, mas só porque a língua gaélica não possui uma palavra específica para ceroulas.

Peguei as minhas próprias calcinhas, intrigada.

— Por que não? Os antigos celtas da Escócia não usavam roupa de baixo?

Frank lançou-me um olhar malicioso.

— Nunca ouviu aquela velha canção sobre o que o escocês usa por baixo do kilt?

— Provavelmente não aqueles elegantes calções até os joelhos — respondi secamente. — Talvez, enquanto você fica brincando por aí com vi-gários, eu saía em busca de algum habitante local usando saiote escocês e pergunte a ele.

— Bem, tente não ser presa, Claire. O reitor do St. Giles College não iria gostar nada disso.

Na realidade, não havia ninguém perambulando de kilt pela praça central ou pelas lojas que a rodeavam. No entanto, havia várias outras pessoas por lá, a maioria donas de casa do tipo da sra. Baird fazendo as compras diárias. Eram tagarelas e fofoqueiras, e suas figuras, de vestido estampado, enchiam as lojas de um calor aconchegante; um antídoto contra a névoa fria da manhã no lado de fora.

Ainda sem minha própria casa para manter, havia pouca coisa que eu precisava comprar, mas gostava de dar uma olhada nas prateleiras recém-abastecidas pelo simples prazer de ver muitos artigos novamente à venda. Fora um longo período de racionamento, de privação de coisas simples como sabão e ovos, e mais tempo ainda sem os pequenos luxos da vida, como a água de colônia L'Heure Bleu.

Meus olhos se demoraram numa vitrine repleta de utensílios domésticos — toalhas de chá e paninhos bordados para cobrir bules, jarras e copos, uma pilha de fôrmas para tortas caseiras e um conjunto de três vasos de plantas.

Jamais tive um vaso de planta em minha vida. Durante os anos de guerra, vivi, é claro, nos alojamentos de enfermeiras, primeiro no Pembroke Hospital, depois numa base militar na França. No entanto, mesmo antes disso, nunca moramos tempo suficiente num só lugar para justificar a compra de um artigo como esse. Se eu tivesse peça assim, refleti, tio Lamb a teria enchido de cacos de louças muito antes que eu pudesse chegar perto dela com um buquê de margaridas.

Quentin Lambert Beauchamp. “Q” para seus alunos de arqueologia e para os amigos. “Dr. Beauchamp” nos círculos acadêmicos em que ele transitava, lecionava e ganhava a vida. Mas sempre tio Lamb para mim.

O único irmão de meu pai e meu único parente vivo na época se vira de repente às voltas comigo, uma menina de 5 anos, quando meus pais morreram num acidente de carro. Na época, às vésperas de uma viagem para o Oriente Médio, ele interrompeu seus preparativos o tempo suficiente para

providenciar o funeral, desfazer-se dos bens de meus pais e matricular-me num internato para meninas. Para o qual me recusei terminantemente a ir.

Diante da necessidade de arrancar meus dedos gorduchos da maçaneta do carro e me arrastar pelos calcanhares pelas escadas da escola, tio Lamb, que detestava conflitos pessoais de qualquer natureza, suspirou exasperado, depois finalmente encolheu os ombros e jogou sua sensata decisão pela janela, juntamente com meu recém-adquirido chapéu de palha.

— Maldito chapéu — resmungou, olhando pelo espelho retrovisor e vendo-o rolar alegremente para longe, enquanto o carro continuava descendo o caminho, roncando em alta velocidade. — Sempre detestei chapéus femininos mesmo.

Fixou em mim um olhar feroz e continuou:

— Só digo uma coisa — disse, em tom ameaçador. — Você não pode brincar de boneca com minhas estatuetas de túmulos persas. Qualquer coisa, menos isso. Entendeu?

Fiz que sim com a cabeça, feliz. E fui com ele para o Oriente Médio, para a América do Sul, para dezenas de sítios arqueológicos em todo o mundo. Aprendi a ler e escrever com os rascunhos dos artigos científicos, a cavar latrinas e ferver água e a fazer um sem-número de outras coisas inadequadas para uma jovem bem-nascida — até encontrar o historiador atraente, de cabelos escuros, que tinha ido consultar tio Lamb a respeito de uma questão da filosofia francesa relacionada à prática religiosa egípcia.

Mesmo depois de nosso casamento, Frank e eu continuamos levando a vida nômade de um jovem professor universitário, dividido entre congressos pela Europa e apartamentos temporários, até que a deflagração da guerra o enviou para o Treinamento de Oficiais na Unidade de Inteligência do MI6 e a mim para o treinamento de enfermeiras. Embora estivéssemos casados havia quase oito anos, a nova casa em Oxford seria nosso primeiro lar de verdade.

Enfiando a bolsa firmemente debaixo do braço, entrei com passos firmes na loja e comprei os vasos.

Encontrei-me com Frank no cruzamento da High Street com a Gereside Road e começamos a subir por esta última. Ele ergueu as sobrancelhas diante das minhas compras.

— Vasos? — Sorriu. — Ótimo. Talvez agora você pare de colocar flores nos meus livros.

— Não são flores, são espécimes. E foi você quem sugeriu que eu me interessasse por botânica para ocupar minha mente, agora que não sou mais enfermeira — lembrei a ele.

— É verdade. — Assentiu com bom humor. — Mas eu não sabia que teria galhinhos e folhas caindo no meu colo toda vez que abrisse uma obra de referência. O que era aquela coisa horrível, marrom e esfarelada, que você colocou no meu livro de Tuscum e Banks?

— Sabugueiro. Boa para hemorroidas.

— Preparando-se para a minha iminente velhice, não é? Hum, muito gentil de sua parte, Claire.

Atravessamos o portão juntos, rindo, e Frank parou para que eu subisse os estreitos degraus da entrada à sua frente.

De repente, agarrou-me pelo braço.

— Cuidado! Não pise nisso aí!

Parei com o pé cuidadosamente erguido acima de uma grande mancha vermelho-amarronzada no degrau superior.

— Que estranho — disse. — A sra. Baird esfrega os degraus todas as manhãs. O que você acha que pode ser isso?

Frank se inclinou sobre o degrau, delicadamente procurando sentir o cheiro.

— Assim de improviso, eu diria que se trata de sangue.

— Sangue! — Recuei um passo. — De quem? — Olhei nervosamente para a casa. — Você acha que a sra. Baird sofreu algum tipo de acidente? — Não podia imaginar nossa imaculada anfitriã deixando manchas de sangue secando na soleira da porta, a não ser que uma enorme catástrofe tivesse ocorrido. Imaginei por um instante se a sala de visitas não estaria abrigando um assassino ensandecido, preparando-se naquele mesmo instante para saltar sobre nós com um grito arrepiante.

Frank balançou a cabeça. Ficou na ponta dos pés para espreitar o jardim do vizinho por cima da cerca viva.

— Acho que não. Há uma mancha igual a essa na entrada da casa dos Collins também.

— É mesmo? — Cheguei mais perto de Frank, tanto para olhar por cima da cerca quanto em busca de apoio moral. As Terras Altas dificilmente pareceriam um lugar provável para um assassinato em massa. Por outro lado, eu duvidava que essas pessoas usassem qualquer tipo de critério lógico ao escolher o local do crime. — Isso é um tanto... desagradável — observei. Não havia nenhum sinal de vida na casa ao lado. — O que você acha que aconteceu?

Frank franziu a testa, pensando, depois bateu a mão rapidamente na perna, como se tivesse uma súbita inspiração.

— Acho que sei! Espere um instante. — Partiu em direção ao portão e começou a descer a rua quase correndo, deixando-me desamparada na entrada da casa.

Voltou logo depois, radiante com a confirmação.

— Sim, isso mesmo, tem que ser. Aconteceu em todas as casas deste lado da rua.

— O quê? A visita de um maníaco homicida? — perguntei um pouco rispidamente, ainda nervosa por ter sido bruscamente abandonada sozinha, na companhia apenas de uma grande mancha de sangue.

Frank riu.

— Não, um sacrifício ritual. Fascinante! — Estava de quatro na grama, examinando atentamente a poça de sangue.

Aquilo não me parecia nada melhor do que um maníaco homicida. Agachei-me ao lado dele, contorcendo o nariz diante do cheiro. Ainda era cedo para moscas, mas dois mosquitos das Terras Altas, grandes e lentos, giravam em torno da mancha.

— O que quer dizer com “sacrifício ritual”? — indaguei. — A sra. Baird frequenta a igreja, assim como todos os seus vizinhos. Isso aqui não é o Monte dos Druidas ou algo semelhante, sabe?

Levantou-se, limpando os pedacinhos de grama das calças.

— Você é que não sabe, meu bem — disse ele. — Não há nenhum lugar na Terra com mais magia e superstições antigas influenciando o cotidiano das pessoas do que as Terras Altas. Com ou sem igreja, a sra. Baird acredita nas lendas dos povos antigos, assim como todos os seus vizinhos. — Apontou para a mancha com o bico do sapato perfeitamente engraxado. — O sangue é de um galo preto — explicou, satisfeito. — As casas são novas, você sabe. Pré-fabricadas.

Olhei-o friamente.

— Se você acha que isso explica tudo, pense melhor. Que diferença faz a idade das casas? E, afinal, onde está todo mundo?

— No pub, eu acho. Vamos até lá verificar? — Tomando-me pelo braço, conduziu-me pelo portão e começamos a descer a Gereside Road.

— Antigamente — explicou ele conforme andávamos —, e não faz tanto tempo assim, quando construíam uma casa, era costume matar alguém e enterrá-lo nos alicerces, como uma oferenda aos espíritos da terra. Sabe, “Ali ele lançará os alicerces em seu primogênito e em seu filho mais novo erguerá os portões”. Isso é antigo como os montes.

Estremeci diante da citação.

— Nesse caso, suponho que seja bem mais moderno e compreensível que estejam usando galinhas. Já que as casas são relativamente novas, nada foi enterrado debaixo delas e os moradores agora estão tentando remediar a omissão.

— Exatamente. — Frank parecia satisfeito com meu progresso e deu uns tapinhas nas minhas costas. — Segundo o vigário, muitos dos habitantes locais acham que a guerra foi em parte causada pelo fato de as pessoas estarem abandonando suas raízes e deixando de tomar as devidas precauções, como enterrar oferendas sob os alicerces das casas ou queimar espinhas de peixes na lareira. Exceto de hadoques, é claro. — acrescentou ele, contentemente distraído. — Sabia? Ou você nunca mais pescará um. Em vez disso, sempre enterre as espinhas de um hadoque.

— Vou me lembrar disso — prometi. — Diga-me o que se deve fazer para nunca mais ver um arenque e eu o farei imediatamente.

Ele balançou a cabeça, absorto em um de seus acessos de lembrança, aqueles breves períodos de êxtase erudito quando ele perdia o contato com o mundo à sua volta, completamente empenhado em evocar conhecimentos de todas as fontes.

— Não sei nada sobre arenques — disse, distraído. — Mas para ratos, penduram-se ramos de choupo tremedor por toda parte. “Choupo tremedor na casa, e você nunca verá um rato”, como se diz. Quanto a corpos nos alicerces... é daí que vêm muitos dos fantasmas locais. Conhece Mountgerald, a casa grande no final da High Street? Há um fantasma lá, um operário que trabalhava na construção da casa e foi assassinado em sacrifício para os alicerces em algum momento do século XVIII. Isso, na verdade, é bastante recente — acrescentou, pensativo.

— Diz-se que, por ordem do dono da casa, uma parede foi construída primeiro, depois um bloco de pedra foi empurrado de cima da parede sobre um dos operários. Provavelmente algum sujeito de que ninguém gostava foi escolhido para o sacrifício. Então ele foi enterrado no porão e o resto da casa foi construído sobre ele. Agora assombra o porão onde foi assassinado, exceto na data de aniversário de sua morte e nos quatro Dias Antigos.

— Dias Antigos?

— As festividades dos povos antigos da região — explicou ele, ainda perdido em suas anotações mentais. — Hogmanay, ou seja, o Ano-Novo, o Midsummer Day, que é o solstício de verão, o Beltane, festival da primavera, e o All Hallows, que corresponde ao nosso Halloween. Os druidas, os

beakers da Idade da Pedra e os antigos pictos... Todos celebravam as festas dos fogos e as festas do sol, pelo que sabemos. De qualquer modo, os fantasmas estão à solta nos dias sagrados e podem ficar vagando por aí como quiserem, fazer o bem ou o mal, de acordo com sua vontade. — Esfregou o queixo ponderando. — Estamos nos aproximando do Beltane, perto do equinócio da primavera. É melhor ficar de olho da próxima vez que passar pelo pátio da igreja. — Ele pestanejou e eu percebi que tinha saído do transe.

Dei uma risada.

— Então, há muitos fantasmas locais famosos?

Deu de ombros.

— Não sei. Vamos perguntar ao vigário na próxima vez que o virmos?

De fato, encontramos o vigário pouco tempo depois. Estava no pub, juntamente com os demais habitantes do vilarejo, tomando uma cerveja leve e clara em comemoração à nova santificação das casas.

Pareceu um pouco envergonhado ao ser flagrado acobertando atos de paganismo, por assim dizer, mas minimizou o fato como sendo apenas um costume local com conotação histórica – como vestir roupas verdes.

— Na verdade, é bem fascinante, sabe — confidenciou ele, e reconheci, com um suspiro, o canto de um estudioso, um som tão característico quanto o trinado de um melro. Atendendo ao chamado de um espírito iluminado, Frank imediatamente entrou na dança de pares da academia e logo estavam mergulhados até o pescoço em arquétipos e comparações entre superstições antigas e religiões modernas. Encolhi os ombros e abri meu próprio caminho pela multidão até o bar e de volta, com um drinque em cada mão.

Sabendo, por experiência própria, o quanto era difícil desviar a atenção de Frank desse tipo de discussão, simplesmente peguei sua mão, envolvi seus dedos em torno da haste da taça e deixei-o entregue a seus próprios interesses.

Encontrei a sra. Baird em um banco junto à janela, compartilhando uma amigável jarra de cerveja preta com um senhor idoso que ela me apresentou como sr. Crook.

— É o senhor de quem lhe falei, sra. Randall — disse ela, os olhos brilhantes com o estímulo do álcool e da companhia. — O que conhece plantas de todas as espécies.

— A sra. Randall se interessa muito por plantas — confidenciou ao seu acompanhante, que inclinou a cabeça numa mistura de educação e surdez. — Prensa-as nos livros e tudo o mais.

— É mesmo? — perguntou o sr. Crook, o tufo branco de sobrancelha

erguido em sinal de interesse. — Tenho algumas prensas, as verdadeiras, veja bem, para ervas e similares. Ganhei-as do meu sobrinho, quando veio da universidade passar as férias. Ele as trouxe para mim e não tive coragem de dizer-lhe que nunca uso coisas desse tipo. Deixá-las penduradas é o melhor para as ervas, sabe, ou talvez secá-las em um estrado, dentro de um saco de gaze ou em um pote, mas por que iria querer esmagar as plantinhas até ficarem achatadas eu não faço a menor ideia.

— Bem, para olhá-las, talvez — intercedeu a sra. Baird afavelmente. — A sra. Randall fez lindos arranjos com botões de malva e violetas, que se pode emoldurar e pendurar na parede.

— Hummm. — Diante dessa sugestão, o rosto sulcado do sr. Crook pareceu estar admitindo uma duvidosa possibilidade. — Bem, se tiverem alguma utilidade para a senhora, pode ficar com as prensas, de bom grado. Eu não queria jogá-las fora, mas confesso que não tenho nenhuma utilidade para elas.

Assegurei ao sr. Crook que eu ficaria encantada em usar prensas de plantas e mais encantada ainda se ele me mostrasse onde algumas das plantas mais raras da região poderiam ser encontradas. Fitou-me incisivamente por um instante, a cabeça inclinada para o lado como um velho falcão, mas finalmente pareceu decidir que meu interesse era genuíno. Combinamos que eu deveria encontrá-lo pela manhã para uma excursão aos arbustos locais. Frank pretendia passar o dia em Inverness para consultar uns registros na prefeitura de lá, e fiquei satisfeita de ter uma desculpa para não acompanhá-lo. Para mim, os registros eram todos iguais.

Pouco depois, Frank conseguiu se desvencilhar do vigário e caminhamos de volta para casa na companhia da sra. Baird. Eu mesma hesitei em mencionar o sangue de galo na soleira da porta, mas Frank não sofria de tal acanhamento e interrogou-a avidamente sobre as origens do costume.

— Suponho, então, que seja muito antigo, não? — perguntou, agitando uma vara pelos arbustos ao longo da calçada. O quenopódio e a cinco-em-rama já estavam florescendo e eu podia ver os botões das giestas-das-vassouras avolumando-se. Mais uma semana e estariam floridos.

— Ah, sim. — Cambaleando, a sra. Baird nos acompanhava a passos rápidos. — Mais velho do que podemos imaginar, sr. Randall. Anterior à época dos gigantes.

— Gigantes? — perguntei.

— Sim. Fionn e Feinn.

— Contos folclóricos gaélicos — observou Frank com interesse. — He-



róis, sabe. Provavelmente de origem nórdica. Há muita influência nórdica por aqui e ao longo de toda a costa oeste. Alguns nomes dos locais são escandinavos, e não gaélicos.

Revirei os olhos, pressentindo uma nova explosão de conhecimento, mas a sra. Baird sorriu cordialmente e encorajou-o, dizendo que era verdade, ela havia estado no norte e visto a pedra Dois Irmãos e isso era escandinavo, não era?

— Os escandinavos visitaram a costa centenas de vezes entre 500 e 1300 d.C., aproximadamente — disse Frank, olhando sonhadoramente para o horizonte, vendo barcos normandos na nuvem varrida pelo vento. — Vikings. E trouxeram muitos de seus mitos com eles. É um bom país para mitos. As coisas parecem criar raízes aqui.

Nisso eu podia acreditar. O crepúsculo se aproximava, assim como uma tempestade. Na estranha luz sob as nuvens, até as casas totalmente modernas ao longo da rua pareciam tão antigas e sinistras quanto a desgastada pedra do povo picto que ficava a uns 30 metros de distância, guardando a encruzilhada havia mil anos. Parecia uma boa noite para ficar em casa com as persianas fechadas.

Em vez de permanecer confortavelmente sentada na sala de visitas da sra. Baird, vendo imagens estereoscópicas de Perth Harbor, entretanto, Frank preferiu comparecer ao seu compromisso com o sr. Bainbridge, um tabelião com interesse em registros históricos locais, para tomar um xerez. Lembrando-me do encontro anterior que tivera com o sr. Bainbridge, resolvi permanecer em casa com Perth Harbor.

— Procure voltar antes da tempestade — disse a Frank, dando-lhe um beijo de despedida. — E dê lembranças minhas ao sr. Bainbridge.

— Humm, sim. Sim, claro. — Cuidadosamente evitando meus olhos, Frank encolheu os ombros dentro do seu sobretudo e partiu, pegando um guarda-chuva do suporte junto à porta.

Fechei a porta quando ele saiu, mas deixei-a destrancada para que ele pudesse entrar ao voltar. Dirigi-me languidamente de volta à sala de visitas, refletindo que Frank iria sem dúvida fingir que não tinha mulher — uma farsa à qual o sr. Bainbridge iria se unir alegremente. Não que eu, particularmente, pudesse culpá-lo.

No começo, tudo corra muito bem em nossa visita à casa do sr. Bainbridge na tarde do dia anterior. Eu me mostrara recatada, bem-educada, inteligente, mas modesta, elegante e discretamente vestida — tudo que a mulher perfeita do professor universitário deveria ser. Até o chá ser servido.

Agora, virei a minha mão direita, examinando, com tristeza, a grande bolha que se estendia pela base dos quatro dedos. Afinal, não era culpa minha que o sr. Bainbridge, um viúvo, se contentasse com um bule barato de metal, em vez de um bule adequado de louça. Nem que o tabelião, procurando ser gentil, tivesse me pedido para servir o chá. Nem que a luva de panela que ele me deu apresentasse uma parte gasta que permitiu que o cabo em brasa do bule entrasse em contato direto com minha mão quando o segurei.

Não, concluí. Deixar cair o bule foi uma reação perfeitamente normal. Deixá-lo cair no colo do sr. Bainbridge foi apenas um infeliz acidente. Tinha que deixá-lo cair em algum lugar. Foi minha exclamação “Putá que pariu!” em voz mais alta do que o berro de dor do sr. Bainbridge que fez Frank me olhar enfurecido por cima dos pãezinhos.

Quando se recuperou do choque, o sr. Bainbridge mostrou-se muito gentil, examinando minha mão e ignorando as tentativas de Frank de se desculpar pelo meu linguajar, alegando que eu servira em um hospital de campanha por quase dois anos.

— Receio que minha mulher acabou pegando algumas, hum, expressões mais pitorescas dos ianques e de outros — sugeriu Frank com um sorriso nervoso.

— É verdade — concordei, cerrando os dentes enquanto envolvia minha mão com um guardanapo embebido em água. — Os homens tendem a ser muito “pitorescos” quando se está tirando estilhaços do corpo deles.

Com muito tato, o sr. Bainbridge tentou desviar a conversa para o campo neutro da história dizendo que sempre se interessara pelas variações do que fora considerado discurso profano através dos tempos. Havia “Gorbli-mey”, por exemplo, uma corruptela recente da imprecação “God blind me”.

— Sim, é claro — disse Frank, aceitando de bom grado o desvio da conversa. — Sem açúcar, obrigado, Claire. E quanto a “Gadzooks”? A parte “Gad” é perfeitamente clara, naturalmente vem de “God”, mas “zook”...

— Bem, sabe — interpôs o tabelião —, às vezes eu acho que possa ser uma corruptela de uma antiga palavra escocesa, na verdade, “yeuk”. Significa “tentação, ânsia, desejo”. Faria sentido, não?

Frank concordou, assentindo e deixando seu pouco erudito topete cair na testa. Empurrou-o para trás automaticamente.

— Interessante — disse —, toda a evolução da blasfêmia.

— Sim, e continua a acontecer — disse, pegando cuidadosamente um torrão de açúcar com a pinça.

— É mesmo? — disse o sr. Bainbridge. — A senhora encontrou algumas variações importantes durante a sua, hum, experiência na guerra?

— Ah, sim — respondi. — A minha favorita eu aprendi com um ianque. Um homem chamado Williamson, de Nova York, acho. Ele a dizia toda vez que eu trocava seu curativo.

— E qual era?

— “Jesus H. Roosevelt Cristo” — disse, deixando o torrão de açúcar cair cuidadosamente no café de Frank.

Depois de passar algum tempo na sala com a sra. Baird, numa conversa amena e nada desagradável, subi ao meu quarto para me aprontar antes de Frank chegar. Sabia que o limite dele era de duas taças de xerez e, portanto, esperava-o de volta logo.

O vento começava a soprar forte e o ar do quarto estava carregado de eletricidade. Passei a escova nos cabelos, fazendo os cachos estalarem com a estática e saltarem, emaranhando-se furiosamente. Meus cabelos teriam que passar sem as cem escovadelas hoje à noite, decidi. Com as atuais condições do tempo, iria apenas escovar os dentes. Fios de cabelo grudavam no meu rosto, agarrando-se teimosamente enquanto eu tentava afastá-los para trás.

Nenhuma água no jarro. Frank a usara, arrumando-se antes de sair para seu encontro com o sr. Bainbridge, e não se dera ao trabalho de enchê-lo novamente na torneira do banheiro. Peguei o frasco de L’Heure Bleu e despejei uma boa porção na palma da mão. Esfregando rapidamente as mãos antes que o perfume evaporasse, passei-as pelos cabelos. Despejei mais um pouco na escova e pentei os cachos para trás das orelhas.

Bem. Assim estava melhor, pensei, girando a cabeça de um lado para o outro para examinar os resultados no espelho manchado. A umidade dissipara a eletricidade dos meus cabelos, de modo que eles agora flutuavam em ondas brilhantes e pesadas em volta do meu rosto. O álcool evaporado deixara um perfume muito agradável no ar. Frank iria gostar, pensei. L’Heure Bleu era sua colônia favorita.

De repente o clarão de um relâmpago bem próximo, seguido imediatamente pelo estrondo de um trovão, fez com que todas as luzes se apagassem. Praguejando baixinho, comecei a tatear dentro das gavetas.

Em algum lugar, eu vira velas e fósforos; a queda de energia elétrica era uma ocorrência tão frequente nas Terras Altas que as velas constituíam um

suprimento indispensável em todos os quartos de hotéis e hospedarias. Eu as vira até mesmo nos hotéis mais elegantes, onde eram perfumadas com madressilvas e apresentadas em castiçais de vidro fosco com pingentes brilhantes.

As velas da sra. Baird eram bem mais utilitárias — velas brancas comuns —, mas havia muitas delas, assim como três caixas de fósforos. Não estava inclinada a ser exigente quanto à elegância num momento como aquele.

Coloquei uma vela no suporte de cerâmica azul sobre a penteadeira iluminada pelo relâmpago seguinte, depois acendi outras pelo quarto, até que todo o aposento fosse tomado por uma luminosidade suave e bruxuleante. Muito romântico, pensei, e com certa presença de espírito desliguei o interruptor, de modo que a volta repentina da luz não estragasse o clima em algum momento inoportuno.

As velas não haviam queimado mais do que um centímetro quando a porta se abriu e Frank entrou como um furacão. Literalmente, porque a rajada de vento que o seguiu escada acima apagou três velas.

A porta se fechou atrás dele com uma pancada que apagou mais duas. Esforçando-se para enxergar na escuridão repentina, passou a mão pelos cabelos desalinhados. Levantei-me e reacendi as velas, admoestando-o brandamente sobre os modos bruscos de entrar num aposento. Foi somente ao terminar e me virar para perguntar-lhe se gostaria de um drinque que vi que ele parecia um pouco pálido e perturbado.

— O que foi? — perguntei. — Viu um fantasma?

— Bem, sabe — disse ele devagar —, não tenho certeza se não vi. — Distradamente, ele pegou minha escova e ergueu-a para arrumar seus cabelos. Quando a fragrância repentina de L'Heure Bleu atingiu suas narinas, franziu o nariz e colocou-a de volta sobre a penteadeira, voltando a atenção para o pente que carregava no bolso.

Olhei pela janela, onde os olmos se agitavam de um lado para outro como manguais. Uma persiana aberta batia em algum lugar do outro lado da casa e ocorreu-me que talvez devêssemos fechar as nossas, embora o alvoroço lá fora fosse interessante de observar.

— Acho que o tempo está um pouco ruim para um fantasma — falei. — Eles não gostam de noites calmas e enevoadas em cemitérios?

Frank riu timidamente.

— Bem, provavelmente foram apenas as histórias de Bainbridge e um pouco de xerez a mais do que eu deveria ter tomado. Nada de mais.

Agora eu estava curiosa.

— O que você viu exatamente? — perguntei, sentando-me no banquinho da penteadeira. Indiquei a garrafa de uísque erguendo uma das sobranças e Frank imediatamente foi servir dois drinques.

— Bem, na verdade, apenas um homem — começou ele, medindo uma dose para ele e duas para mim. — Parado na rua lá fora.

— O quê? Do lado de fora desta casa? — perguntei com uma risada. — Então deve ter sido um fantasma; não posso imaginar ninguém parado por aí numa noite como essa.

Frank inclinou o jarro de água sobre o copo, depois olhou acusadoramente para mim quando não saiu nada.

— Não olhe para mim — disse. — Você usou toda a água. Mas eu prefiro o uísque puro mesmo. — Tomei um gole para demonstrar.

Frank pareceu inclinado a dar um pulo no lavatório para pegar água, mas abandonou a ideia e continuou sua história, tomando pequenos goles cautelosamente, como se seu copo contivesse ácido sulfúrico em vez do melhor uísque Glenfiddich de puro malte.

— Sim, ele estava na beirada do jardim, deste lado, parado junto à cerca. Eu pensei — hesitou, olhando dentro do copo —, achei que ele estivesse olhando para a sua janela.

— Minha janela? Que extraordinário! — Não pude conter um ligeiro estremecimento e atravessei o quarto para fechar as persianas, embora fosse um pouco tarde para isso. Frank seguiu-me, ainda falando.

— Sim, eu mesmo pude vê-la lá de baixo. Você estava escovando os cabelos e resmungava porque estavam arrepiados.

— Nesse caso, o sujeito provavelmente estava se divertindo — falei, asperamente.

Frank sacudiu a cabeça, embora sorrisse e alisasse meus cabelos.

— Não, ele não estava rindo. Na verdade, parecia terrivelmente infeliz com alguma coisa. Não que eu tenha podido ver bem seu rosto; foi alguma coisa na maneira como estava ali parado. Eu fui por trás dele e, quando ele não se moveu, perguntei educadamente se poderia ajudá-lo em alguma coisa. Primeiro, ele agiu como se não tivesse me ouvido, e eu achei que talvez não tivesse mesmo, por causa do barulho do vento, então repeti o que dissera e estendi a mão para tocar seu ombro, chamar sua atenção. Mas antes que eu pudesse tocá-lo, ele girou repentinamente nos calcanhares, passou por mim e começou a descer a rua.

— Parece um tanto grosseiro, mas não muito próprio de um fantasma — observei, esvaziando meu copo. — Como ele era?

— Um sujeito grandalhão — disse Frank, franzindo a testa ao se lembrar. — E escocês, em trajes completos das Terras Altas, com a bolsa de pelos usada pelos escoceses na frente do kilt e um lindo broche de um veado correndo prendendo o xale xadrez. Quis perguntar-lhe onde o tinha conseguido, mas se afastou antes que eu tivesse a oportunidade.

Dirigi-me à escrivania e servi outra dose de uísque.

— Bem, não é uma aparência muito estranha para essa região, certo? De vez em quando, vejo um homem vestido assim na vila.

— Nããão... — Frank parecia duvidar. — Não, não eram suas roupas que pareciam estranhas. Quando passou por mim, eu poderia jurar que ele estava suficientemente perto para esbarrar na manga do meu casaco, mas não o fez. Fiquei tão intrigado que me virei para observá-lo conforme se afastava. Ele desceu a Gereside Road, mas quase ao chegar à esquina, ele... desapareceu. Foi quando comecei a sentir um calafrio na espinha.

— Talvez sua atenção tenha sido desviada por um instante e ele simplesmente tenha mergulhado nas sombras — sugeri. — Há muitas árvores no fim da rua.

— Posso jurar que não tirei os olhos dele nem por um segundo — murmurou Frank. Ele ergueu os olhos subitamente. — Já sei! Lembro-me agora porque eu o achei tão estranho, embora não tivesse percebido isso na hora.

— O quê? — Eu estava ficando um pouco cansada do fantasma e queria passar para questões mais interessantes, como a cama.

— Estava ventando forte, mas as pregas, sabe, do kilt e do xale quadriculado, elas simplesmente não se mexiam, exceto com o movimento de seus passos.

Fitamo-nos.

— Bem — falei finalmente —, isso é um pouco arrepiante.

Frank deu de ombros e sorriu de repente, descartando o assunto.

— Ao menos terei alguma coisa para contar ao vigário da próxima vez que o encontrar. Talvez seja um famoso fantasma local e ele poderá me contar sua história sangrenta. — Deu uma olhada em seu relógio. — Mas agora eu diria que é hora de ir para a cama.

— É, sim — murmurei.

Observei-o pelo espelho, enquanto procurava um cabide. De repente, parou enquanto desabotoava a camisa.

— Você teve muitos escoceses sob seus cuidados, Claire? — perguntou bruscamente. — No hospital de campanha ou em Pembroke?

— Claro — respondi, um pouco intrigada. — Havia muitos Seaforth

e Cameron na base militar em Amiens e, um pouco mais tarde, depois de Caen, tivemos muitos Gordon. Bons sujeitos, na maioria. Muito estoicos a respeito de tudo de um modo geral, mas terrivelmente covardes quando se tratava de injeções. — Sorri, lembrando-me particularmente de um deles.

— Tivemos um, na verdade um sujeito muito rabugento, um gaiteiro dos Seaforth, que não suportava injeção, especialmente nas nádegas. Passava horas no mais terrível desconforto antes de deixar que alguém se aproximasse dele com uma seringa e, mesmo assim, tentava nos fazer dar-lhe a injeção no braço, embora fosse intramuscular. — Ri diante da lembrança do cabo Chisholm. — Ele me disse: “Se vou ficar deitado de barriga para baixo, com minha bunda de fora, quero que a garota fique embaixo de mim, não atrás de mim com uma agulha!”

Frank sorriu, mas pareceu um pouco apreensivo, como sempre acontecia com minhas histórias de guerra menos delicadas.

— Não se preocupe — assegurei-lhe, percebendo sua expressão —, não vou contar essa na hora do chá na sala dos professores.

O sorriso arrefeceu e ele se aproximou, parando atrás de mim, que estava sentada à penteadeira. Beijou o alto da minha cabeça.

— Não se preocupe — disse. — Os professores vão adorá-la, quaisquer que sejam as histórias que contar. Hummm. Seus cabelos estão com um perfume delicioso.

— Gosta?

Em resposta, suas mãos deslizaram para a frente por cima dos meus ombros, segurando meus seios na camisola fina. Eu podia ver seu rosto acima do meu no espelho, o queixo descansando sobre a minha cabeça.

— Gosto de tudo em você — disse ele com a voz rouca. — Você fica linda à luz de velas. Seus olhos são como xerez no cristal e sua pele brilha como marfim. Uma feiticeira à luz de velas, é o que você é. Talvez eu devesse apagar as lâmpadas permanentemente.

— Fica difícil ler na cama — disse, o coração começando a acelerar.

— Posso pensar em coisas melhores para fazer na cama — murmurou.

— É mesmo? — indaguei, levantando-me e virando-me para passar os braços em volta de seu pescoço. — Como o quê, por exemplo?

Algum tempo depois, aconchegados por trás das persianas fechadas, ergui minha cabeça dos seus ombros e disse:

— Por que você me perguntou aquilo? Se eu tive contato com escoce-  
ses, quero dizer, deve saber que tive, há todo tipo de homens nesses hos-  
pitais.

Ele se mexeu e deslizou a mão pelas minhas costas.

— Humm. Ah, por nada, na verdade. É que, quando vi aquele sujeito lá  
fora, ocorreu-me que pudesse ser — hesitou, apertando-me mais um pouco  
em seus braços —, hum, você sabe, que pudesse ser alguém de quem você  
cuidou, talvez... talvez tivesse ouvido falar que você estava aqui e veio vê-la...  
algo assim.

— Nesse caso — disse, de modo prático —, por que ele não entraria e  
pediria para me ver?

— Bem — a voz de Frank pareceu muito descontraída —, talvez ele não  
quisesse dar de cara comigo.

Ergui-me sobre um dos cotovelos, fitando-o. Havíamos deixado uma  
vela acesa e eu podia enxergá-lo bem. Virara a cabeça e olhava distraida-  
mente para a cromolitografia do príncipe Charles Edward com a qual a sra.  
Baird achara apropriado decorar nossa parede.

Agarrei seu queixo e virei seu rosto para mim. Ele arregalou os olhos,  
simulando surpresa.

— Está querendo dizer — indaguei — que o homem que viu lá fora era  
alguma espécie de, de... — hesitei, em busca da palavra certa.

— Ligação? — sugeriu, solícito.

— Amorosa de minha parte? — concluí.

— Não, não, claro que não — afirmou de maneira pouco convincente.  
Retirou minhas mãos de seu rosto e tentou me beijar, mas agora foi a minha  
vez de virar o rosto. Contentou-se em puxar-me de volta para deitar a seu  
lado na cama.

— É que... — começou. — Bem, você sabe, Claire, foram seis anos. E nos  
vimos apenas três vezes e apenas por um dia na última vez. Não seria extra-  
ordinário se... quero dizer, todos sabem que médicos e enfermeiras ficam sob  
um terrível estresse durante as emergências e... bem, eu... é apenas que... bem,  
eu compreenderia, sabe, se alguma coisa, hum, de natureza espontânea...

Interrompi aquela lenga-lenga desvencilhando-me do seu abraço e sal-  
tando para fora da cama.

— Acha que fui infiel a você? — indaguei. — Acha? Porque, se acha,  
pode sair deste quarto agora mesmo. Ir embora desta casa! Como ousa insi-  
nuar tal coisa? — Eu estava furiosa e Frank, sentando-se na cama, estendeu  
os braços tentando me acalmar.



— Não toque em mim! — retruquei. — Apenas me diga: você acha, diante do fato de um estranho estar olhando para a minha janela, que eu tenha tido algum caso amoroso com um dos meus pacientes?

Frank se levantou da cama e me envolveu em seus braços. Permaneci petrificada como a mulher de Lot, mas ele insistiu, acariciando meus cabelos e esfregando meus ombros da maneira que sabia que eu gostava.

— Não, eu não acho nada disso — disse ele com firmeza. Puxou-me para mais junto dele e eu relaxei um pouco, embora não o suficiente para abraçá-lo.

Após um longo tempo, murmurou nos meus cabelos:

— Não, eu sei que você nunca faria tal coisa. Só quis dizer que ainda que tivesse feito... Claire, não faria nenhuma diferença para mim. Eu a amo. Nada do que você tenha feito jamais vai me impedir de amá-la. — Tomou meu rosto nas mãos — apenas dez centímetros mais alto do que eu, ele podia olhar diretamente dentro dos meus olhos sem dificuldade — e disse brandamente: — Me perdoa? — Senti seu hálito quente, ligeiramente perfumado com o amargor do Glenfiddich, no meu rosto, e seus lábios, cheios e convidativos, ficaram perturbadoramente próximos.

Outro relâmpago do lado de fora anunciou o súbito irrompimento da tempestade e uma chuva estrondosa começou a açoitar o telhado.

Devagar, passei os braços em torno de sua cintura.

— “O verdadeiro perdão não é forçado” — disse —, “mas cai como o suave sereno do céu...”

Frank riu e olhou para cima; as diversas manchas no teto eram um mau agouro para as perspectivas de podermos dormir secos a noite toda.

— Se esta é uma amostra do seu perdão — disse ele —, detestaria ver a sua vingança.

A tempestade ecoou como um ataque de morteiros, como se respondesse às suas palavras, e nós dois rimos, descontraídos outra vez.

Somente mais tarde, ouvindo sua respiração regular ao meu lado, foi que comecei a pensar. Como eu disse, não havia nenhuma prova que implicasse infidelidade de minha parte. De minha parte. Mas seis anos, como ele dissera, era um longo tempo.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)